

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A LOIRA. POLÉMICA ENTRE JORGE DE SENA E JOEL SERRÃO.**

(sem indicação de autor)

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), A Loira. Polémica entre Jorge de Sena e Joel Serrão. *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 167-186.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A LOIRA POLÉMICA ENTRE JORGE DE SENA E JOEL SERRÃO\*

---

### UM “INÉDITO” DE CESÁRIO VERDE

Quando uma composição de qualquer grande escritor, embora uma vez e algures publicada, não foi nunca incluída em volume, nem mais tarde recolhida para uma edição de obras completas, a sua redescoberta concede-lhe foros de ineditismo, que em boa verdade, não merece. Mas, se também é verdade que só o convívio com as obras a estas dá vida, e se é verdade que não basta o registo de nascimento que é a primeira e dispersa aparição, esta poesia de Cesário Verde é tão inédita hoje como há 56 anos. «No álbum de uma senhora, cujo nome não pôde revelar», foi ela encontrada por um senhor de Guimarães, que a fez publicar no *Dia*, de 19 de Setembro de 1910. Transcreveu-a — «e não é mimo vulgar o que ao leitor vamos oferecer» — um velho Almanaque de Lembranças. Aí, por minha vez, a encontrei eu, ao folhear paciente e curiosamente umas dúzias desses almanaques. E os leitores do *Mundo Literário*, se a compararem com outras poesias célebres de Cesário Verde, concordarão que valeu a pena.

Pela data da «Loira», Cesário tinha vinte-e-três anos, quando a escreveu. E havia cinco anos que no «Diário da Tarde», do Porto, Silva Pinto perpetrara a estreia do seu amigo. Pouco se tem chamado a atenção para a precocidade de Cesário Verde — e mesmo os seus primeiros versos publicados, são nitidamente, já do autor de «Contrariedades». É certo que, após a morte, toda a obra de um poeta se unifica; mas a crítica esquece, muitas vezes, como são importantes as relações da cronologia com a obra, desde que a crítica se destine ao enriquecimento da experiência humana, e não apenas ao abastecimento do arsenal das ideias feitas.

J. de S. [Jorge de Sena]

[Mundo Literário, n.º 29, Lisboa, 25 de Novembro de 1946, p. 3]

---

\* Escrito por João de Meira aos 18 anos, o poema *Loira* foi publicado pela primeira vez no jornal *O Comércio de Guimarães* em 3 de Abril de 1900, com a assinatura do seu verdadeiro autor. Em 1910, João de Meira, depois de lhe introduzir algumas alterações e de lhe colocar a “assinatura” de Cesário Verde, enviou-o a um jornal de Lisboa, que o publicou como um inédito do autor de *O Sentimento de um Ocidental*. Desde então, tem corrido como obra de Cesário. Em 1946, Jorge de Sena encontrou-o num almanaque, republicando-o na revista *Mundo Literário*. A *Loira* de João de Meira esteve na origem de uma polémica que se travou em 1958 nas páginas da *Gazeta Musical e de todas as Artes* entre Joel Serrão e Jorge de Sena, cujos textos aqui se reproduzem.

## UM FALSÁRIO DE POESIA

Na edição do *Livro de Cesário Verde*, que João Cabral do Nascimento organizou e reviu para a *Editorial Minerva*, única actualmente à venda, alvoroçado o leitor encontra uma poesia nova com o título de Loira. Ei-la:

*Eu descia o Chiado lentamente  
Parando junto às montras dos livreiros  
Quando passaste irónica e insolente,  
Mal poisando no chão os pés ligeiros.*

*O céu nublado ameaçava chuva,  
Saía gente fina de uma igreja:  
Destacavam do traje de viúva  
Teus cabelos de um loiro de cerveja*

*E a mim, um desgraçado a quem seduzem  
Comparações estranhas, sem razão,  
Lembrou-me esse contraste o que produzem  
Os galões sobre o pano de um caixão*

*Eu buscava uma rima bem intensa  
Para findar uns versos com amor;  
Olhaste-me com cega indiferença  
Através do lorgnon provocador.*

*Detinham-se a medir tua elegância  
Os dandies com aprumo e galhardia:  
Segui-te humildemente e a distância,  
Não fosses suspeitar que te seguia.*

*E pensava de longe, triste e pobre,  
(Desciam pela rua umas varinas)  
Como podias conservar-te sobre  
O salto exagerado das botinas.*

*Havia pela rua uns charcos de água  
E tu, sempre febril, sempre inquieta,  
Ergueste um pouco a saia sobre a anágoa  
De um tecido ligeiro e violeta.*

*Adorável! Na ideia de que agora  
A branda anágoa a levantasse o vento  
Descobrimo uma curva sedutora,  
Cada vez caminhava mais atento.*

*Mas súbito parei, sentindo bem  
Ser loucura seguir-te com empenho,  
A ti que és nobre e rica, que és alguém,  
Eu que de nada valho e nada tenho.*

*Correu-me pelo corpo um calafrio,  
E tive para o teu perfil ligeiro  
Esse olhar resignado do vadio  
Que fita a exposição de um confeiteiro.*

*Vi perder-se na turba que passava  
O teu cabelo de oiro que faz mal;  
Não achei essa rima que buscava,  
Mas compus este quadro natural.*

1878

Lemos, e somos lançados de chofre na Lisboa do último quartel do século passado, no Chiado de Ramalho e de Eça de Queirós, por onde o jovem Cesário (teria 23 anos!), curti os seus imponderáveis males de frustração cidadina. E de nós para nós comentámos que essa poesia seria uma peça fundamental para o estudo da linguagem, da imagética, da temática do Baudelaire da Rua dos Fanqueiros. “Loiro de cerveja”, “os galões sobre o pano de um caixão”, “desciam pela rua umas varinas”, “o salto exagerado das botinas”, etc. não denotarão uma linguagem típica e *evidentemente* cesária? Bem parece que sim. Daí que o investigador se lance numa pesquisa, tanto mais necessária quanto é certo que na edição referida *Loira* se nos apresenta desacompanhada da mais breve referência de fontes, o que lhe dá certo ar de coisa indiscutida e indiscutível. Ora, é legítimo inquirir: como é que o poema aí apareceu?; onde o descobriu o responsável pela edição?

O primeiro passo que se pôde dar foi este: na revista *Mundo Literário* (25 de Nov. de 1946), Jorge de Sena conta que, ao folhear um velho almanaque de lembranças luso-brasileiro, *que cita*, encontrara a poesia que honrada e alvoroçadamente se apressou a publicar. Temos, pois, na mão um dos fios da meada.

Uma vez ante o almanaque, verifica-se, porém, que o redactor dele encontrara a dita poesia num dado número do jornal *O Dia*, que cita. donde a havia transcrito. Toca, pois, a procurar o número desse jornal lisboeta... Simplesmente, no número referido nem sombra havia de *Loira!* Admitimos a hipótese de uma referência errada de datas, e pachorrentamente fomos folheando a colecção do periódico, que, felizmente, havia na Biblioteca Nacional, onde, por vezes, também acontece encontrarmos o que buscamos... Todavia, quanto a vestígios de *Loira* — nada.

Ora, no meio do desespero e do tédio da pesquisa, que parecia condenada a malogro... — “Olá! Que é isto?” Era nada mais nada menos — imaginem! — que um soneto *inédito* de Antero. Isso: *um soneto inédito de Antero*. Benditas horas perdidas!...

Com efeito, em *O Dia* (22 de Set. de 1910), em transcrição de o *Diário da Tarde*, conta-se que um Snr. Miguel da Costa Maya, ao ser aviado numa mercearia de Vila do Conde, verificou que o comestível havia sido embrulhado num manuscrito, onde o comprador reconheceu a assinatura de... Antero. Tendo deitado mão à papelada de que o merceeiro se servia, o dito Maya encontrara cartas de Oliveira Martins, Batalha Reis, Alberto Sampaio, e outros, que teriam sido endereçadas ao autor dos *Sonetos*. Em suma: segundo o dito Sr. Maya. a papelada de Antero, respeitante aos anos de Vila do Conde, fora vendida a peso para embrulhar chouriço. E apressa-se a transcrever a mais bela peça *salva* por um fio. Era o seguinte soneto:

## TERROR

*...mais pour cadeau*

*Je vous laisse la peur, la peur irrémédiable!*

M. ROLLINAT

*Terror, espectro vão, filho da Noite.*

*Que me apareces quando morre o dia,*

*E me segues, funesta companhia,*

*Seja onde for que me desole e acoite!*

*Na tua mão anda um cruel açoite  
Vibrando em cada golpe uma agonia...  
Não o pode evitar minha apatia  
Por mais que me encoraje e que me afoite-*

*Mas não é, quando à noite, vão terror,  
A tua mão de ferro me sufoca,  
Que me fazes sofrer com mais dor!*

*E quando baixa a luz crepuscular  
E ansioso, incerto, uma oração na boca.  
Pressinto a hora de te ver chegar!*

Variante dos tercetos:

*Mas não é, pela noite, vão terror,  
Quando ouço estalar-me cada músculo,  
Que me fazes sofrer com maior dor.*

*E quando sinto o coração parar  
E, ansiosamente, à hora do crepúsculo.  
Espero o instante de te ver chegar!*

Quem não comungará no entusiasmo do pesquisador ante o valor do achado, sem dúvida soneto menor, mas de factura e acento anteriores, que parecia integrar-se harmoniosamente no que supomos ter sido o solitário desespero dos últimos anos?... Que artigo, ou dissertação até sobre tal achado! Mas na recolha de elementos, para condimentar a *revelação*, tínhamos de ir beber, claro está, ao Antero de Quental de José Bruno Carreira. Ora, aí, o exemplar anteriorista revela sem cerimónias que o soneto *Terror* era... apócrifo, e da autoria do Dr. João de Meira, professor de Medicina na Universidade do Porto, que “possuía o talento extraordinário da imitação, em prosa e verso, da forma das maiores individualidades antigas e contemporâneas”, imitando, “com rara perfeição, o Padre António Vieira, o Padre Manuel Bernardes, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero de Quental, Cesário Verde António Nobre” (Ob. cit. vol. II, p. 139), E agora?

Afinal, tudo bem contado, o débil rasto de *Loira* levava a um novo malogro. A verdade, porém, é que o malogro por vezes incita. Num novo esforço, logramos, enfim, encontrar em *O Dia*, (13-9-1910), num número diverso do indicado pelo redactor do almanaque, o esquivo poema. Vinha acompanhado pela seguinte carta do feliz “achador”

*Snr. Redactor:*

*Uma ilustre senhora, cujo nome não estou autorizada a revelar, teve a gentileza de confiar-me o seu álbum da escritos e desenhos, há muito precisamente (sic) guardada, Entre outras coisas interessantes encontrei com espanto e li com devoção esse inédito (?) de Cesário Verde que tive licença de publicar. Ponho uma interrogação adiante da palavra inédito, porque a verdade é que não tenho inteira certeza de que a poesia fosse ou não publicada. É certo que não pertence à compilação que Silva Pinto fez com o nome de “O livro de Cesário Verde”, nem pertence também ao número das poesias dispersas por jornais, que aí se deixaram de incluir e cujos nomes Silva Pinto deu em nota.*

*Se, pois, a poesia foi publicada em algum efêmero periódico, é hoje desconhecida e conto que inteiramente inédita.*

*Resolvi enviá-la ao “Dia” porque tenho percebido (isto vai sem intuitos louvaminheiros) que ao seu jornal (que costumo ler quando estou no Porto) merecem especiais interesses os assuntos literários.*

*Desculpe-me, Snr. Redactor,*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*José do Nascimento Monteiro*

*Quinta do Bravo, Guimarães*

*10 de Setembro.*

Estava, enfim, desvendada a origem do poema! Todavia, o longo e ínvio caminho trilhado para encontrá-lo, a aproximação de todos os elementos colhidos, levou primeiro a medo, e depois, com convicção crescente, à hipótese de que o tão cesárico *Loira* seria, afinal, também apócrifo (gato escaldado). Quanto ao autor da falsa poesia, claro, João de Meira.

Esse João Monteiro Meira (1881-1913), natural de Guimarães, médico e professor da Faculdade de Medicina do Porto, é autor de uma obra copiosa, que vai desde escritos da especialidade como o *Parto Cesário*, até *Eusébio Macário em Guimarães*, passando por estudos de história vimarense e pela tradução de *Maravilhas da Vida* de E. Haeckel. Nos ócios que a profissão lhe deixava, entretenha-se a imitar a “maneira” de grandes artistas — e fazia-o com indiscutível habilidade. Passatempo inocente? — inquirir-se-á. O aparato de autenticidade

externa com que apresentava as suas falsificações legitima a dúvida acerca da completa inocência do autor. E como devemos dar nomes às coisas e às acções, falsário é o que se lhe quadra, quer por vingança do logro em que por pouco não caímos, quer porque poesia é moeda que não pode estar sujeita a viciações, donde quer que provenham, inclusivamente de uma cátedra.

... No entanto, — que pena aquele “loiro de cerveja” não ser de Cesário! Não é verdade que *poderia* ser?

JOEL SERRÃO

[*Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 88, ano VIII, 2.ª série, Lisboa, Julho de 1858, pp. 120-121.]

## OPINIÕES E ALVITRES

...Senhora Directora de  
Gazeta Musical e de Todas as Artes

No n.º 88, referente a Julho do corrente ano, da Gazeta que V. mui dignamente dirige, e da qual me honro de ser o crítico teatral, foi publicado um artigo intitulado “*Um Falsário da Poesia*”, da autoria do meu amigo e camarada, o Dr. Joel Serrão. Nele se impugna a autenticidade do já célebre poema *Loira*, de Cesário Verde, que eu descobri transcrito num velho “*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*” e fiz publicar no n.º 29 de *Mundo Literário*, referente a 23 de Novembro de 1946, “honrada e alvoroçadamente”, diz Serrão, e é uma verdade que lhe agradeço. Joel Serrão identificou o número do jornal *O Dia* (11-9-1910), de onde o transcrevera o redactor do Almanaque, e revelou a carta do “achador”. Escuso de resumir a exposição de Joel Serrão, que é já conhecida, e da qual os leitores da Gazeta estarão lembrados. Mas essa exposição assenta, quanto a mim, numa coincidência (e certo que atraente), na palavra do ilustre erudito Dr. José Bruno Carreiro (da qual não posso duvidar) e numa transcrição que este escritor faz de um artigo do falecido Dr. Joaquim Costa, publicado no *Jornal de Notícias*, do Porto, de 23-7-1933 (Bruno Carreiro diz “Diário”, mas deve ser lapso facilmente corrigível).

Bruno Carreiro, com efeito, a págs. 119 e 164 do 2.º volume do seu monumental *Antero de Quental*, trata da questão do apócrifo anteriano, o soneto *Terror* que o seu achador dava como datado de 1888. Era, de facto, muito difícil — embora esses desastres possam suceder a um grande poeta, como a qualquer outro — que aquele soneto péssimo e do pior “anterianismo” fosse de Antero e, para mais, posterior ao magnífico ciclo final, de 1880-84, em que mais fir-



memente repousará a sua glória de quem pensava o que sentia e sentia o que pensava... Joaquim Costa — cujas declarações B. Carreiro transcreve a págs. 139 — afirmou no *Notícias* que “a pessoa que escreveu esse soneto e que, infelizmente, já não existe, ocupou um alto lugar no professorado superior de uma das nossas faculdades universitárias. Possuiu uma cultura invulgar e o talento, etc.,” e aqui se insere a transcrição do que é transcrição, feita por Joel Serrão. A págs. 364, voltando a ocupar-se do assunto, Bruno Carreiro declara, sem mais comentários: “Podemos informar que esse professor foi o Dr. João de Meira”.

A carta do “achador” do *Terror* — um sr. Miguel da Costa Maya — veio em *O Dia*, de 22 de Setembro de 1910; a do achador da *Loira* — um sr. José do Nascimento Monteiro, de Guimarães — viera no mesmo *O Dia*, mas a 13 de Agosto de 1910. A atraente coincidência é esta.

Temos, portanto, e em resumo. Primeiro: a revelação da falsidade do *Terror*, feita por Joaquim Costa, acrescentando que o autor, cujo nome não denuncia, “imitava, com rara perfeição, o Padre António Vieira, o Padre Manuel Bernardes, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero de Oriental, Cesário Verde e António Nobre”. Segundo: a revelação do nome desse autor (“podemos informar...”), feita por Bruno Carreiro. Terceiro: a suspeita proximidade dos achamentos enviados a *O Dia*. Quarto (que suponho estar no espírito de Joel Serrão): o facto de o homem de Guimarães ter entre os seus apelidos Monteiro, como Serrão verificou que Meira tinha (Bruno Carreiro refere-se sempre e apenas a “João de Meira”), ao completar os seus informes sobre o “falsário”, e o de este ser de Guimarães como aquele.

Já a págs. 168-9 do seu imprescindível trabalho *Cesário Verde — interpretação, poesias dispersas e cartas, coligidas e anotadas* (Lisboa, 1957), Joel Serrão tratara deste mesmo assunto, com a mesma argumentação, concluindo: “A aproximação de todos estes elementos leva-nos necessariamente à hipótese da apocriofidade do poema *Loira* e da sua autoria ser de João de Meira”. Sem reparo, o único elemento novo surgido desde esse estudo até ao actual artigo, são o nome completo do Meira, os informes sobre a naturalidade e a actividade dele, e o seu retrato.

Tudo leva a crer que o Meira possa ter sido o autor de *Loira*. Mas não me parece possível afirmar, desde já, como agora faz Joel Serrão, no seu artigo: “Quanto ao autor da falsa poesia, claro, João de Meira!”

Muito finamente observa Joel Serrão que o poema em questão — incluído, sem hesitações, por Cabral do Nascimento, na sua edição de Cesário Verde — “tem uma linguagem típica e evidentemente cesária”. Tem. Mas será mais evidentemente cesária que a das outras poesias, autênticas, datadas do mesmo ano, como *Cristalizações* e a sequência *Em Petiz*, reconhecidamente posteriores a *Num Bairro Moderno*. Só uma rigorosa análise estilística poderia, neste ponto, adiantar-nos alguma coisa. E adiantaria?

Sem dúvida que as mistificações estilísticas acentuam aquilo a que se chama características pessoais de um estilo, e dessas as mais exteriores. Mas, das duas uma, ou Cesário é facilmente imitável e Antero dificílimo de imitar (e sabemos, pela inundação anterior que são a influência de Pessoa fez estancar, que o contrário é a verdade), porque a poesia “apócrifa” de Cesário   bela e o soneto falso de Antero é um monstro; ou o nosso Meira não imitava com perfeição igualmente rara os modelos que Joaquim Costa (e não Bruno Carreiro) lhe atribui. De resto, essa faculdade de imitar tem sido praticada largamente —   o tão conhecido “  la mani re de...”, em que Marcel Proust foi mestre. Mas, em geral, nos meros imitadores, não passa de uma grosseira caricatura, que são excepcionalissimamente atinge a finura imitativa que teríamos de reconhecer ao autor da *Loira*. Não   impossível. Mas... não havia, ou não há, em Guimarães, uma Quinta do Bravo? Não viveu l  um José do Nascimento Monteiro? Isso é que importará esclarecer. E onde estão as outras mistificações do Meira, além da garantida por Joaquim Costa? Alguém está vivo que as tenha visto? Teremos de acreditar apenas nas recordações sentimentais de Joaquim Costa (a vinte anos de distância sobre a morte de Meira) sobre os talentos do amigo? Porque — e aqui bate o ponto —, ainda que não tenha havido nunca em Guimarães tal quinta e tal sujeito, nem mesmo assim fica provado efectivamente que o Meira tenha escrito a *Loira*. Só se Joaquim Costa o tivesse declarado. Não declarou. Só se aparecesse o “original” manuscrito entre os papéis do Dr. Meira, ou alguma “confissão” expressa da fraude. Ter o aparecido? Entretanto, em que pese ao meu amigo Jo  Serrão, como não acreditamos, nem eu, nem ele, no espiritismo, o próprio Jo  de Meira, confessado na mesa de p  de galo, nos não resolve o assunto. A dúvida subsistirá. A hipótese ficará de p , é certo. Mas como hipótese apenas. E sempre tudo nos parece sensacionalmente claro, até descobrirmos um não menos claro contrário. A *Loira*, tudo leva a crer, terá sido “oxigenada” pelo catedrático tripeiro, que distribuiria os seus ócios entre as cesarianas e as mistificações “ces ricas”. Mas é muito bela, caramba! *Plus belle que nature*? Pac ncia, que t mbem a poesia de Cesário Verde o  .

Com mil perdões pelo espaço que estes amigáveis reparos roubar o   Gazeta, creia, etc....

Lisboa, 11 de Agosto de 1958.

JORGE DE SENA

[Gazeta Musical e de Todas as Artes, n.os 89-90, ano VIII, 2.  série, Lisboa, Agosto-Setembro de 1958, p. 135.]

## O POEMA “LOIRA” NÃO É DE CESÁRIO VERDE

Ainda bem que o meu artigo “Um falsário de poesia” (n.º 88 da *Gazeta Musical e de Todas as Artes*) teve a boa sorte de suscitar reparos pertinentes de Jorge de Sena que foram publicados no n.º 89 desta mesma revista. E digo *ainda bem* porque, na verdade, só há um processo de resolver os pequenos e os grandes pomos de discórdia ou de divergência: conversar e discutir franca e desapaixonadamente na busca objectiva da verdade. Bem sei que não se trata, neste caso, de um daqueles problemas de que o nosso destino dependa, o que é muita pena, pois o caminho a seguir deveria ser o mesmo... Entretenhamo-nos, pois, com aquele que em sorte nos coube!

No artigo referido escrevi eu o seguinte: “Estava enfim desvendada a origem do poema! [*Loira*, que descoberto num velho alfarrábio e republicado no *Mundo Literário* por Jorge de Sena, fora incluído, sem uma palavra de aviso, por Cabral do Nascimento, na edição do *Livro de Cesário Verde* que organizou e reviu para a *Editorial Minerva*]. Todavia, o longo e ínvio caminho trilhado para encontrá-lo, a aproximação de todos os elementos colhidos, levou, primeiro a medo, e depois, com convicção crescente, à *hipótese* [itálico que agora acrescento] de que o tão cesárico *Loira* seria, afinal, também apócrifo. (Gato escaldado...). Quanto ao autor da falsa poesia, claro, João de Meira!”

Embora, como se verá, não tenha a alterar, quanto ao seu conteúdo, uma vírgula sequer do que aí escrevi, quero salientar que se tratava de uma *hipótese*, como tal explicitamente apresentada. A afirmação acerca do presumível autor do poema, apesar do seu ar um tanto peremptório (infidelidades da pluma canhestre!), era, também, evidentemente, uma hipótese. Como poderia ser de outra forma? Se a apocricidade era hipotética, é por demais evidente que qualquer atribuição de paternidade não poderia também deixar de ser aleatória...; se não era certa a paternidade ilegítima de *Loira*, haveria que proceder às análises que as circunstâncias aconselhassem, dado que se dera cabimento à dúvida... Ora, se isso, ao invés do que pretendi, não ficou suficientemente patente, aproveito a oportunidade para gostosamente penitenciar-me, esclarecendo que *então* não possuía *provas* irrefragáveis, mas apenas indícios da asserção expandida. Indícios esses que se me afiguravam muito significativos, como, afinal, se provará que o eram. Sim; porque isso de lançar ao vento hipóteses gratuitas e irresponsáveis não é coisa que me agrada, ou até esteja, segundo creio, nos meus hábitos de trabalho. Mas poderia ter errado, o que acontece a quem procura. Como algures, e muito bem, escreveu António Sérgio, “o risco do naufrágio é necessário à rota”. É, sim, meus senhores!

Agora, porém, o caso mudou inteiramente de figura. A hipótese está inteiramente confirmada pelos dados que passo a expor.

I) Em Guimarães existiu, com efeito, uma *Quinta do Bravo*, que hoje se chama *Quinta da Boa Vista*. Mas quanto ao tal José do Nascimento Monteiro, confessado achador do poema de “Cesário”, ninguém sabe da sua existência actual ou passada...

II) “Através do seu curso” — conta-nos Costa — “a literatura entusiasmou-o [fala de João de Meira sempre. Ia quase jurar que os seus compêndios escolares adormeceram muitas vezes; mas o talento e a capacidade formidável de João Meira removiam todas as dificuldades. Lia e anotava um romance de Zola, numa noite. Imitava os versos de Antero, de *Cesário Verde* [itálico meu], de Gomes Leal, de Junqueiro e de António Nobre, e redigia trechos admiráveis, dum recorte de forma incomparável, à semelhança de Camilo e de Eça de Queirós” (*Revista de Guimarães*, vol. 31, 1921, p. 173).

“De poucos é conhecida” — declara Maximiano Lemos — “a colecção de pastiches que Meira improvisou “das 10 às 2 horas da noite” para um jantar que os meus colegas me ofereceram quando me vi forçado a deixar o professorado. O meu amigo, *que de vez quando publicava nos periódicos versos imitados de Cesário Verde, de Antero, etc., que mistificavam os mais entendidos*, [itálico meu] imitou trechos de autores antigos e modernos numa realização perfeita” (*Revista de Guimarães*, vol. 31, 1921, p. 173).

“Espantosamente” — afirma Luís de Pina — “João de Meira imitava os mais difíceis escritores: Camilo, Eça, Sá de Miranda, Antero, Nobre” (*Revista de Guimarães*, vol. 63, p. 528).

III) Os interessados pelo estudo do incontestável talento mimético (ou o que lhe quiserem chamar) de João de Meira, encontram imitações suas de Cristóvão Falcão, de António Nobre, de Eça, de Camilo, e, até, de... Conan Doyle no estudo de Luís de Pina, *Alfoz das letras e da história vimaranense* em *Revista de Guimarães*, vol. 63, p. 532, etc.

Há mais imitações em *Comércio de Guimarães* (3/6/1898), *Independente* (Guimarães) e nos opúsculos *In Memoriam*, e *Reincidência*, Porto, 1911, jornais e opúsculos que não pude estudar porquanto não os encontrei em Lisboa.

Aí fica o aviso! Não vá o Diabo tecê-las, e haver para aí uma inundação de poesias “desconhecidas” de António Nobre, Gomes Leal, Antero, etc...

IV) “A poesia *Loira* incluída na última edição do “Livro de Cesário Verde”, declara-me em carta datada de Viana do Castelo, 22-9-58, o Sr. Dr. Gonsalo de Meira, irmão de João de Meira “não pertence a este poeta. Ela é de meu irmão

João de Meira. Foi por ele escrita em Lisboa durante o ano lectivo de 1899-1900 em que frequentou aí a cadeira de Química Orgânica na Escola Politécnica”. E acrescenta: “o exemplar que dela possuo é um recorte de um jornal. Nesse recorte, esta a poesia com a sua assinatura e a indicação de que ela foi produzida em Lisboa. Não tem a menção do periódico a que pertenceu o recorte nem a sua data. Pelo aspecto creio poder afirmar que foi tirado do semanário *A Memória* de que se publicaram 31 números dos quais o primeiro é de 16 de Setembro de 1900 e o último de 14 de Abril de 1901”.

A ser assim, João de Meira teria, portanto, 19 anos quando escreveu *Loira...* E teria deixado passar 10 anos antes de a “descobrir” no tal álbum, e de a enviar ao *Dia*.

Eis aí quantas provas pude carrear em abono da minha hipótese que passou a ser, pelo menos a meus olhos, uma certeza. Se ao meu bom amigo e velho camarada Jorge de Sena parecer que elas são insuficientes — declaro-o sem sombra de ironia — só me resta continuar a pesquisa, o que de bom grado farei até chegarmos a um acordo tão completo quanto possível.

De tudo isto uma coisa ressalta. Uma só, pelo que me parece: a necessidade que, desde há anos, venho defendendo de promover uma *edição crítica* das poesias de Cesário Verde. Na verdade, pobre Cesário! Incompreendido em vida, falecido antes de ter realizado a obra com que havia sonhado, e sem sequer ter tido tempo de organizar o seu livro, não existe ainda, depois de termos comemorado o 1.º centenário do nascimento do poeta, uma edição das suas poesias que inspire inteira confiança. Temos andado, algumas vezes, a comer gato por lebre e (caso curioso!) sem que os mais finos paladares se dêem conta do logro.

Bem sei que no caso da poesia de Cesário as dificuldades de uma edição crítica são, por ora, muito grandes. Mas talvez não sejam invencíveis. Talvez venha a aparecer um certo exemplar da 1.ª edição de *O Livro de Cesário Verde*, que pertenceu a Silva Pinto, e que, segundo consta estava anotado pelo organizador da compilação... Talvez apareçam mais poesias autógrafas como a que Alberto de Monsaraz revelou, que é a única conhecida. Talvez haja ainda cartas perdidas em algum baú. Talvez venha a ser comprado por uma Biblioteca Pública o copiador da loja de ferragens da família Verde, escrito quase inteiramente por Cesário, e que, não há muito, andava por aí (ou melhor: na Feira da Ladra) à espera da melhor oferta... Talvez... Por mim, permito-me supor que a direcção desta revista teria o maior prazer em abrir estas colunas as sugestões, pistas e conhecimentos de quem deseje colaborar nessa obra de justiça que, embora tardia, ainda poderia vir a tempo: restituir a poesia de Cesário à sua plena integridade.

Antes de terminar, cumpre-me agradecer a colaboração que o Sr. Coronel Mário Cardoso. Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, quis ter a bondade de prestar-me, a meu pedido. Os meus agradecimentos também

ao Sr. Dr Gonsalo de Meira e à Sr. D. Virgínia Adelaide de Meira Allen, irmão e filha do Dr. João de Meira, pela prontidão com que acorreram ao meu apelo. Sem o seu auxílio, não sairíamos tão cedo do domínio das hipóteses.

JOEL SERRÃO

[Gazeta Musical e de Todas as Artes, n.os 91-92, ano VIII, 2.ª série, Lisboa, Outubro-Novembro de 1858, p. 157-158.]

## OPINIÕES E ALVITRES AINDA E SEMPRE O POEMA “LOIRA”

...Senhora Directora de “Gazeta Musical e de todas as Artes” e muito prezada Amiga.

Calorosamente me felicito por os singelos reparos que fiz a um artigo do meu querido amigo e camarada Joel Serrão, publicado no n.º 88 da revista que V. dirige, terem suscitado a excelente peça de documentação que aquele ilustre ensaísta e crítico apresentou no n.º 91-92. O processo da falsa “Loira” avoluma-se e toma curiosíssimos aspectos. Passamos, sem dúvida, dos indícios e das hipóteses argutas, às provas que muito justamente vem confirmar a argúcia daquelas. Não obstante, o poema continua a ser muito belo, algo mais que um habilidoso e gracioso “pastiche”. De Cesário ou de João Meira, é sem dúvida digno de ser arquivado numa antologia de “Os Mais Belos Poemas da Língua Portuguesa”, e gostosamente aceito a prima responsabilidade de havê-lo tomado em público por autêntico, sem a partilhar com tantos outros camaradas de fino e seguro gosto, que em privado assim o tomaram como tal. Tudo indica que a autenticidade se verifica... pois que o poema não terá sido escrito como um “pastiche”, mas como uma verdadeira vivência poética cristalizada à maneira de Cesário, por quem, muito jovem, do grande poeta apreendera o melhor. O que torna curiosíssimos os aspectos do processo da “Loira” não é tanto isto (que poderemos encontrar nas fases iniciais de muitos poetas, até dos grandes, que principiam a descobrir-se na apreendida quintessência de outros anteriores e às vezes até dos menores ) como o facto de, tanto quanto se sabe, essa criação “cesária” de Meira ser única, e o talento do autor se ter degradado numa falta de confiança em si próprio que o “pastiche” irónico revela. Com efeito, o exercício do “pastiche”, que foi mais do que passatempo, na história literária, para muitos escritores de entre os mais eminentes, só não representa e significa aquela degradação quando é acompanhado por uma obra criada paralelamente ou posteriormente, que dignifica e situa o que afinal era mais do que exercício. Lamentemos, pois, que João de Meira se tenha ficado pela “Loira”, privando-

-nos de uma mais completa documentação para um estudo (não obstante, do maior interesse) acerca de questões tão obscuras e confundidas como as que se referem às noções de autenticidade, influência, sinceridade, mimetismo literário, etc.

Só nos resta — para que o assunto se arrume definitivamente — desejar que o tal jornalzinho de há quase sessenta anos seja visto por Joel Serrão, o que não envolve menos confiança nas informações dos familiares de João de Meira, mas apenas uma manifestação de “sãotomezismo” crítico, já que a história arrasta consigo uma pesada e inútil cauda de sinceras obstruções erguidas pela piedade dos parentes. E desejar que o apelo de Joel Serrão, para que surjam, dos limbos dos colecionadores ávidos, ciosos e silenciosos, os documentos indispensáveis ao honesto e criterioso restauro de Cesário, em que aquele nosso amigo anda tão meritoriamente empenhado, seja devidamente atendido. Duram os grandes nomes da nossa literatura por tal forma dilacerados entre a estultícia glutona ou bem-pensante dos colecionadores e dos parentes, por um lado, e a não menos glutona ou bem-pensante dos pseudo-estudiosos, que restituir a obra de um Cesário à sua plena integridade quase se nos afigura uma visão do Quixote. Não é com isso que habitualmente entre nós a história literária se faz. Venha, pois, o Cesário restaurado! E com “Loira” ou sem ela... Eu, por mim, deixava-a ficar num apêndice reservado aos apócrifos condignos, em companhia das “surpresas” que houvermos de ter.

Até lá, permito-me oferecer esta questão da “Loira” entre mim e Joel Serrão como um exemplo de polémica construtiva (ó dessorada expressão!), da maior utilidade na presente época de escrevinhadores novos ou velhos igualmente verrinosos, vesgos e desonestos, com muita aflição de que os deponham, ou muita pressa de que os ponham...

Queira aceitar os melhores cumprimentos do

JORGE DE SENA

Lisboa, 24 de Novembro de 1958.

[Gazeta Musical e de Todas as Artes, n.º 93, ano VIII, 2.ª série, Lisboa, Dezembro de 1858, p. 186.]

## AINDA (MAS NUNCA MAIS) O POEMA “LOIRA”

Por JOEL SERRÃO

*On se persuade mieux, pour l'ordinaire, par les raisons qu'on a soi-même trouvées, que par celles qui sont venues dans l'esprit des autres.*

PASCAL

Tão-só um pormenor leve e de aparência insignificante me obriga — espero bem que pela última vez! — a voltar ao ex-cesário poema *Loira*. É que Jorge de Sena em “Ainda e sempre [porquê *sempre*, Deus meu?] o poema *Loira*” (n.º 93 da *Gazeta*) escreve por este teor: “De Cesário ou de João de Meira, é sem dúvida [o tal defunto poema] digno de ser arquivado numa antologia de “Os Mais Belos Poemas da Língua Portuguesa”, etc. etc. O pormenor em questão é este: o poema não é de pai incógnito, e, como tal, tem seu quê de difamatório admitir ainda (e sempre?) a alternativa de uma paternidade hipotética... Eis a verdade chã: o poema é da autoria de João de Meira; com Cesário só tem a ver que é uma das muitas imitações que da sua poesia se fizeram. Se o pastiche é ou não é talentoso, se é ou não é “muito belo”, eis questão que exemplifica uma falácia, cujo nome é *ignoratio elenchi*. Pois não será verdade que nunca pus tal coisa em dúvida? *O ponto era e é outro: não havia nem há fundamento algum para atribuir o poema a Cesário Verde!*

Embora, a meus olhos, a questão esteja solucionada, assalta-me não obstante o temor de que algum leitor desta polémica amena possa julgar, suggestionado até pela amenidade dela, que continue problema a deslindar o da autoria efectiva do poema, que ilegitimamente foi incluído no *Livro de Cesário Verde*. Não. O problema formulado está resolvido de modo definitivo. Ou melhor. — le vemos a disponibilidade crítica até aos últimos extremos! — estará resolvido até ao dia em que Jorge de Sena, por um lado, invalide os indícios e *as provas* de que o poema é da autoria de João de Meira, e, por outro, apresente indícios ou provas que frutuosamente nos levem a reconsiderar o problema da autoria.

Os indícios e provas a *invalidar* são esquematicamente estes:

1) *Loira* não foi incluída na 1.ª edição de *O Livro de Cesário Verde*, que Silva Pinto organizou e publicou. Ora, todos os poemas que o editor de Cesário excluiu, e dos quais se veio a ter conhecimento, mormente devido à meritória dedicação de Luís Amaro de Oliveira, são na realidade inferiores, e, de um ponto de vista estético, foram bem eliminados. Só *Loira* poderia ter sido aproveitada. Se o não foi, é que o organizador a desconhecia por completo. E lembremo-nos de que ele foi desencan-



tar (Deus sabe onde!) poemas como “Humilhações”, “Noite Fechada”, “De Tarde”, “De Verão”, “Provincianas”, publicados, pela primeira vez no *Livro*.

2) *Loira*, na sua forma conhecida, é publicado em *O Dia* (Lisboa, 13-9-1910), com a indicação de que fora encontrado *no álbum de uma dama não identificada nem identificável*. Remete-o de Guimarães e de uma quinta, que existiu e existe, um *soi disant* José do Nascimento Monteiro, que, se existiu, *não deixou quaisquer vestígios de si*.

3) Natural de Guimarães era o Dr. João Monteiro de Meira que, pouco antes, publicara no *Diário da Tarde* (Porto) o poema *Terror*, falsamente atribuído a Antero. Averigua-se que o referido senhor, catedrático da Faculdade de Medicina do Porto, entretinha os seus ócios a imitar e Cesário Verde, Gomes Leal, António Nobre, Cristóvão Falcão, Camilo, Eça, Conan Doyle. etc! Seria, pois, de João de Meira o poema *Loira*?

4) O Snr. Dr. Gonsalo de Meira esclarece que, com efeito, o poema anda erradamente atribuído, pois é da autoria do seu falecido irmão, Dr. João de Meira. Mais: declara possuir um recorte de jornal de uma primeira versão do poema, assinado por João de Meira, que supõe ter pertencido ao periódico vimarense *A Memória* (por volta de 1900).

5) Esta última suposição não se confirma. No referido jornal não há tal poema. Mas, em contrapartida, o assinalado recorte foi fotografado, o que permitiu, por gentileza do irmão do Dr. João Meira, a sua reprodução neste artigo.

6) Ora, do cotejo da versão dada a lume em *O Dia* com a fotocópia aqui reproduzida, depreende-se... Façamos, antes de mais, o cotejo. (A versão original vai em primeiro lugar e em itálico; em redondo, e entre parênteses rectos, vão as variantes da segunda versão, que era a única conhecida até agora).

- I *Eu descia o Chiado lentamente*  
*Parando a olhar as montres dos livreiros,*  
 [Parando junto às montras dos livreiros]  
*Quando passaste altiva, surpreendente*  
 [Quando passaste irónica e insolente]  
*Mal poisando no chão os pus ligeiros.*
- II *O céu nublado ameaçava chuva,*  
*Saía gente fina de uma igreja;*  
*Destacavam no traje de viúva*  
*Os teus cabelos loiros de cerveja.<sup>2</sup>*  
 [Teus cabelos de um loiro de cerveja.]

<sup>2</sup> Este verso vem composto em itálico na 1.<sup>a</sup> versão.

- III *E a mim um desgraçado, a quem seduzem*  
 [E a mim, um desgraçado a quem seduzem]  
 Comparações estranhas, sem razão  
 [Lembrou-me esse contraste o que produzem]  
 Os galões sobre o negro de um caixão.  
 [Os galões sobre o pano de um caixão.]
- IV *Eu buscava uma rima intensa*  
 Olhaste para mim com indif'rença  
 [olhaste-me com cega indiferença]  
 Através do lorgnon provocador.
- V *Detinham-se, a olhar tua elegância*  
 [Detinham-se a medir tua elegância]  
 Os dandys com aprumo e galhardia;  
 Segui-te humildemente e a distância;  
 [Segui-te humildemente e a distância,]  
 Não fosses suspeitar que te seguia.
- VI *Havia no passeio uns charcos de água*  
 [Havia pela rua uns charcos de água]  
 E tu, sempre febril, sempre inquieta.  
 Ergueste a saia e pude ver a anágua  
 [Ergueste um pouco a saia nobre a anágua]  
 De um tecido ligeiro e violeta.
- VII [Adorável! Na ideia de que agora  
 A branda anágua a levantasse o vento  
 Descobrimo uma curva sedutora,  
 Cada vez caminhava mais atento,]<sup>3</sup>
- VIII *Eu pensava de longe, triste e pobre,*  
 [E pensava de longe, triste e pobre,]  
 (Desciam pela rua umas varinas)  
 Como podias conservar-te sobre  
 O salto exagerado das botinas.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Quadra nova na 2.<sup>a</sup> versão.

<sup>4</sup> Esta quadra ocupa, na 2.<sup>a</sup> versão, o lugar da n.º VI.

- IX *De súbito parei, sentindo bem*  
 [Mas súbito parei, sentindo bem]  
*Ser loucura seguir-te com empenho,*  
*A ti que és nobre a rica, que és alguém,*  
*Eu que de nada valho e nada tenho.*
- X *Senti a atravessar-me um calafrio*  
 [Correu-me pelo corpo um calafrio,]  
*E tive, para o teu perfil ligeiro,*  
*Esse olhar resignado do vadio*  
*Que fita a exposição de um confeitiro.*
- XI *Vi perder-se na turba que passava*  
*O teu cabelo loiro que faz mal;*  
 [O teu cabelo de oiro que faz mal;]  
*Não achei essa rima que buscava,*  
*Mas compus este quadro natural.*

*João de Meira*  
 [Cesário Verde]

Do cotejo anterior depreende-se que, entre a primeira versão (assinada por João de Meira), e a segunda (da “autoria” de Cesário Verde), há um não pequeno caminho andado no sentido do aperfeiçoamento formal da poesia. Pergunto: aperfeiçoamento da estesia pessoal, ou aperfeiçoamento do *pastiche* deliberadamente cesárico? À face dos elementos que possuímos, não parece fácil uma resposta objectiva. O que sei, sim, é que todas as modificações introduzidas na segunda versão acentuam com felicidade a maneira cesárica. O resto... Hipóteses que dificilmente poderão ser confirmadas. Todavia, tenta-me esta: João de Meira, bastante novo, compôs a primeira *Loira*. Decorrido certo tempo (quanto, só o poderemos saber se for possível datar o recorte), verifica que o seu poema era, afinal, mais de Cesário que do autor real. E então acentuaria deliberadamente os contornos do *pastiche* talvez involuntário. E vá de pregar uma partida!

Mas teria sido assim?

7) Resta averiguar a que jornal pertence o recorte da 1.<sup>a</sup> versão de *Loira*. Têm sido feitos esforços nesse sentido, por ora infrutíferos. Mas não me passa pela cabeça ideia de que exista um recorte de um jornal mítico<sup>5</sup>. Continue, pois, a procurar-se a agulha no grande palheiro do jornalismo oitocentista português. Talvez apareça.

<sup>5</sup> Como é evidente, uma fotografia pode ser, em dadas circunstâncias, documento de duvidosa autenticidade. Mas que o recorte existe, prova-o não só o foto-cópia mas também o testemunho de duas pessoas insuspeitíssimas que o viram e mo comunicaram.

E se não aparecer? Ou se tardar o aparecimento? Será isso motivo suficiente para que se continue a duvidar da paternidade do poema? Não será evidente que os factos apresentados, de per si e no conjunto, constituem um entretecido muito coerente, e estribado em documentação de cuja autenticidade é ilegítimo duvidar-se?<sup>6</sup>

Esses os factos que o caríssimo Jorge de Sena precisaria de invalidar para ter o direito de, em alternativa duvidosa, poder continuar a escrever: “De Cesário ou de João de Meira”. Sim, tudo isso apenas para *duvidar*. Porque, para *afirmar* que a poesia é de Cesário seria necessário, pelo menos, uma prova, para além ou aquém das interessantes considerações que tem tecido sobre o valor estético de *Loira*. E essa prova... Onde está ela?

Aliás, com toda a franqueza, pergunto-me (e ignorando também a *questão* de que se tem tratado), se Jorge de Sena teria dado tão facilmente pela beleza do poema se ele não viesse assinado pelo nome magnético de Cesário; e se continuaria a atribuir-lhe tanta importância se o não percepcionasse ainda com a lembrança do justificadíssimo alvoroço com que, anos atrás, injustificadamente o “descobriu”. Pergunto apenas. Lá quanto a numa antologia de “Os Mais Belos Poemas da Língua Portuguesa”, — que Diabo!, ou teria de ser uma antologia muito, muito grande, ou então o poema faria lá uma figura... Como hei-de dizer? Assim a modos de desforço, ou coisa parecida. Se a antologia fosse de “filosofia portuguesa”, vá!, pois seria de aproveitar tudo, mesmo o que de filosofia só tivesse vago odor. Mas de poesia? E portuguesa!? O meu caro Jorge lá sabe. Por mim, penso, talvez com simpleza filosofante, que poesia sem autenticidade humana e artística, é jogo, brincadeira — *words, words, words!* Ora, se em *Loira* há autenticidade, é precisamente a de Cesário, que, segundo parece, jamais escreveu semelhantes versos!

E basta de *Loira* !

É nessa intenção de quem se despede (aliás, com alívio), que quero esclarecer um ponto. Sei que amigos e familiares de João de Meira ficaram chocados com a expressão “falsário de poesia”, que empreguei no primeiro artigo. Houve até quem protestasse publicamente, e quem me escrevesse a propósito. Na verdade, a palavra “falsário” é um tanto virulenta. E bem verdade que a virulência era, até certo ponto, mitigada pelo determinativo que ao substantivo se seguia. Bater poesia falsa não é o mesmo que bater moeda ilegal. Nem sequer há qualquer lei (a não ser na *República* de Platão) que proíba toda a espécie de liberdades poéticas. Ora, João de Meira... gostava de ajudar com o seu inegável talento a glória de poetas célebres! E reconheçamos que, afinal, isso é bem mais simpático e generoso do que fabricar a glória própria com o talento de outrem,

---

<sup>6</sup> A primeira versão do poema *Loira* saiu no jornal *O Comércio* de Guimarães, na sua edição de 3 de Abril de 1900. O poema tem a data de 16 de Março daquele ano e está assinado por João de Meira. [nota de AAN].

*o que ele de certeza não fez.* Se pudesse, pois, voltar ao princípio, retirava a expressão. Na impossibilidade mais que evidente de o fazer, perdoem-me aqueles a quem inadvertida e um tanto levianamente magoei. É que com dificuldade entendemos — nós que temos vivido as delícias atômicas e para atômicas destes meados do século XX — os homens que provêm do século passado. Esse jovem, irreverente, generoso século XIX!

Bem vistas as coisas, o que João de Meira pretendeu com a brincadeira de *Loira...* Digo ou calo? Bem, não se zanguem, por favor. O que ele quis foi pregar uma partida aos literatos da Capital. Isso: uma vingança zinha nortenha contra o Sul, tardio e dominador. Ora tomem lá isto, *que vem de Guimarães...*

E o que ele se teria rido, ao ver tomada a sério a sua patranha ! E — se pudesse — quanto se não riria de nós! Do Jorge de Sena e de mim, que para aqui andamos, de braço dado, e com o ar mais sério do Mundo, a procurar a Verdade (com maiúscula, claro). Principalmente de mim, — das horas, dias, semanas, que perdi ou ganhei (sei lá!) no rasto desta *Loira* — mais falsa do que Judas.

[Gazeta Musical e de Todas as Artes, n.º 94, ano IX, 2.ª série, Lisboa, Janeiro de 1859, pp. 208-209.]